



ENTRE O TRANSITÓRIO E O PERMANENTE: O CAMPO DE REFUGIADOS DE DADAAB E A FAVELA DE KIBERA, QUÊNIA

**BETWEEN THE TRANSITORY AND THE PERMANENT:
THE DADAAB REFUGEE CAMP AND THE KIBERA SLUM, KENYA**

ENTRE O TRANSITÓRIO E O PERMANENTE: O CAMPO DE REFUGIADOS DE DADAAB E A FAVELA DE KIBERA, QUÊNIA

BETWEEN THE TRANSITORY AND THE PERMANENT: THE DADAAB REFUGEE CAMP AND THE KIBERA SLUM, KENYA

Leandro Ludwig¹ | Clovis Ultramari² | Agnes Silva de Araujo³

Recebimento: 13/05/2025

Aceite: 18/10/2025

¹ Doutor em Desenvolvimento Regional (FURB).
Professor na Universidade Regional de Blumenau.
Blumenau - SC, Brasil.
E-mail: lludwig@furb.br

³ Doutora em Geografia Física (USP).
Professora na Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Curitiba - PR, Brasil.
E-mail: agnes.araujo@pucpr.br

² Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR).
Professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Curitiba - PR, Brasil.
E-mail: ultramari@yahoo.com

RESUMO

Este artigo examina o transitório e o permanente como atributos analíticos capazes de diferenciar ou aproximar campos de refugiados e assentamentos urbanos informais. Adota como estudo de caso o campo de refugiados de Dadaab e a área informal de Kibera, ambos localizados no Quênia e caracterizados por expressivos volumes demográficos no contexto global. A análise parte da descrição desses dois espaços e avança para a comparação de suas estruturas urbanas e de suas relações com o entorno, com o objetivo de identificar qual delas revela maior grau de formalidade e, portanto, potencial para uma permanência mais qualificada. A análise comparativa foi estruturada em três procedimentos principais: 1) construção de mosaicos com células de 50 m², nos quais foram avaliados qualitativamente três padrões de parcelamento do solo, uso e ocupação e mobilidade; 2) classificação do grau de formalidade desses três padrões nos dois recortes analisados; e 3) identificação dos aspectos comuns e singulares de cada compartimento, capazes de confirmar o grau de formalidade e, conseqüentemente, indicar qual área apresenta maior tendência à permanência qualificada. Os resultados indicam que a formalidade observada nos campos de refugiados se organiza sobre uma estrutura urbana tão permanente quanto a informalidade das favelas, porém com uma permanência significativamente mais qualificada. Esses achados apontam para a necessidade de um novo urbanismo, de uma gestão urbana e de ações emergenciais que incorporem em suas práticas o pragmatismo de reconhecer o transitório como permanente.

Palavras-chave: Urbanismo do Sul Global. Áreas informais. Campos de refugiados. Campo de Daddab. Favela de Kibera.

ABSTRACT

This article discusses the transient and the permanent as attributes that allow us to differentiate or approximate refugee camps and informal urban areas. It takes as a case study the Dadaab refugee camp and the informal area of Kibera, both in Kenya and with unique demographic volumes in the global scenario. The analysis begins with a description of the two compartments and proceeds to a comparison of their urban structures and relationships with the surroundings, aiming to identify which structure presents a greater degree of formality and, consequently, potentially exceeded supervision. The comparative analysis was structured around three main procedures: 1) construction of mosaics with 50m² cells in which three patterns of land division, use and occupation, and mobility were qualitatively evaluated; 2) classification of the degree of formality of the three patterns analyzed in the two sections; 3) identification of the common and unique aspects of each compartment, capable of confirming the degree of formality and, consequently, which area represents a greater tendency towards resilience. The results indicate that the formality of the refugee camps is organized on an urban structure that is as permanent as the informality of the slums, but with a significantly more qualified permanence. These facts point to the need for a new urbanism, urban management and emergency actions that assimilate in their practices the pragmatism of taking the transient for permanent.

Keywords: Urbanism in the Global South. Informal areas. Refugee camps. Daddab camp. Kibera slum

INTRODUÇÃO

Em estudos sobre cidades do Sul Global, as favelas e os campos de refugiados ou migrantes apresentam um grau significativo de relevância. De acordo com o World Cities Report 2024 (WCR, 2024), cerca de 1,1 bilhão de pessoas vivem em favelas. Ainda segundo o relatório, o crescimento da população residente nesses assentamentos supera a capacidade das cidades de lidar com eles. Já o Global Report da UNHCR (2024) indica que, além do aumento no número de refugiados em relação a 2023 — de 117,3 milhões para 123,2 milhões em 2024 —, o financiamento destinado às ações humanitárias tornou-se ainda mais insuficiente, passando de um déficit orçamentário de 48% em 2023 para 52% em 2024. Além da intensificação das problemáticas presentes tanto nos campos quanto nas favelas, ambos podem ser compreendidos como espaços geográficos que funcionam como abrigos precários para populações globais deslocadas dentro e fora das fronteiras nacionais (Huq; Miraftab, 2020), e que apresentam formas espaciais constituídas histórica e continuamente a partir de contextos específicos. As condições de permanência urbana contemporânea são discutidas em ambos os casos. Nesse contexto, a noção de permanência urbana abrange não apenas o aspecto temporal, mas também os diferentes níveis de



insegurança na gestão desses espaços, resultantes da possibilidade de realocações forçadas e da presença ou ausência de sinais de titularidade da terra.

Em ambos os casos, observam-se números crescentes, processos de estigmatização e uma difícil aceitação por parte da cidade e da gestão formal. Se, por um lado, as favelas são idealizadas como passíveis de se tornarem espaços formais por meio da realocação ou da integração com o entorno, por outro, os campos em funcionamento sofrem pressões políticas e econômicas para serem dissolvidos, igualmente por meio da realocação ou da integração dos refugiados em outros espaços urbanos.. A despeito dessas idealizações, ambos os espaços resistem a tais pressões e revelam uma tendência a se consolidarem como permanentes à sua própria maneira. Contudo, permanece a necessidade de assegurar que o permanente seja de fato permanente e que o temporário se configure como um processo positivo de transformação no uso e na apropriação de serviços e infraestruturas urbanas. Embora semelhantes na tendência de ignorar o pressuposto original de ocupações transitórias, esses espaços apresentam diferenças significativas em seus processos de formação, dissolução e/ou consolidação.

O caráter temporário atribuído aos campos de refugiados é destacado pela própria ONU, segundo a qual a solução definitiva para os refugiados se viabiliza por meio de três alternativas possíveis, todas baseadas na extinção do próprio campo: 1) a repatriação voluntária para o país de origem; 2) a integração no país onde primeiro se buscou o refúgio; e 3) o reassentamento em um terceiro país (UNHCR, 2016). Isso significa que, embora muitos campos de refugiados assumam dimensões urbanas expressivas (como o campo de Dadaab, aqui estudado) e existam há mais de 50 anos, como no caso do campo de Katumba, na Tanzânia, suas dinâmicas urbanas permanecem ancoradas na essência temporária que orienta sua concepção e gestão. Assim, esses espaços podem ser interpretados tanto como solução quanto como sintoma da problemática dos refugiados (Turner, 2015).

A análise comparativa entre favela e campo de refugiados permite ampliar a compreensão sobre as condições de permanência que tais espaços apresentam, apoiando-se, em ambos os casos, em um amplo repertório de experiências, acertos e equívocos já evidenciados. Essa comparação, voltada à formulação de políticas públicas, justifica-se pelo fato de que ambos os espaços, em suas origens, não foram concebidos com a intenção de permanência. Em ambos os casos, a permanência não representa apenas a garantia de um direito, mas, em outro extremo, a continuidade de relações e apropriações urbanas em níveis

qualitativamente inferiores aos de seus contextos próximos. Tal constatação, de imediato, exige distinguir os diferentes tipos e graus de permanência e transitoriedade. Em termos de similaridade fundamental, é inegável a crença ou intenção inicial de transitoriedade dessas duas tipologias de compartimento urbano; contudo, a forma como definem suas morfologias é distinta se por um lado as favelas comumente se formam sem prévia diretriz urbana, por outro lado os campos contam com uma definição bastante precisa, seja para responder a necessidades logísticas, seja para atender a ações de controle de território isolado do seu entorno.

A noção de desenvolvimento regional é relevante neste trabalho para interpretar a relação entre permanência e transitoriedade na favela de Kibera e no campo de refugiados de Dadaab. Isso porque é pela perspectiva do desenvolvimento regional que se torna possível compreender, de forma multidimensional, as dinâmicas de transformação (desenvolvimento) que ocorrem em uma determinada área (regional) (Mattedi, 2015). Assim, para ampliar a compreensão da transitoriedade e da permanência qualificada de Kibera e Dadaab, torna-se imperativa uma abordagem regionalizada das dinâmicas de transformação territorial — mais precisamente, o entendimento do vínculo da favela de Kibera com a cidade de Nairóbi e do campo de Dadaab com o deslocamento forçado de pessoas da Somália.

Esta pesquisa compara essas duas tipologias de compartimentos urbanos a partir de dois casos localizados no Quênia: o complexo de campos de refugiados de Dadaab, formado pelos campos de Ifo, Hagadera e Dagahaley, e o complexo de favelas de Kibera, considerada uma das maiores da África (formada originalmente por 19 aldeias). A análise comparativa tem como objetivo identificar qual estrutura apresenta maior grau de formalidade e, conseqüentemente, de permanência qualificada. A ideia de permanência qualificada está vinculada ao grau de formalidade, partindo do pressuposto de que quanto maior esse grau, mais bem qualificada tende a ser a permanência. Assim, a pesquisa parte da hipótese de que os campos de refugiados apresentam uma estrutura urbana com permanência qualificada tendencialmente superior à das favelas, em razão de dois fatores: 1) a atenção internacional que recebem, traduzida em investimentos e na disponibilidade de uma estrutura de planejamento e gestão; 2) o maior ordenamento territorial dos campos, que possibilita uma eventual consolidação a longo prazo.

A literatura tem abordado a relação entre favelas e campos de refugiados sob diferentes perspectivas. Matrouk e Szécsi (2023) analisam a marginalidade de campos de refugiados palestinos que surgem de forma informal e, após 70 anos, assumem caráter permanente, embora ainda informal

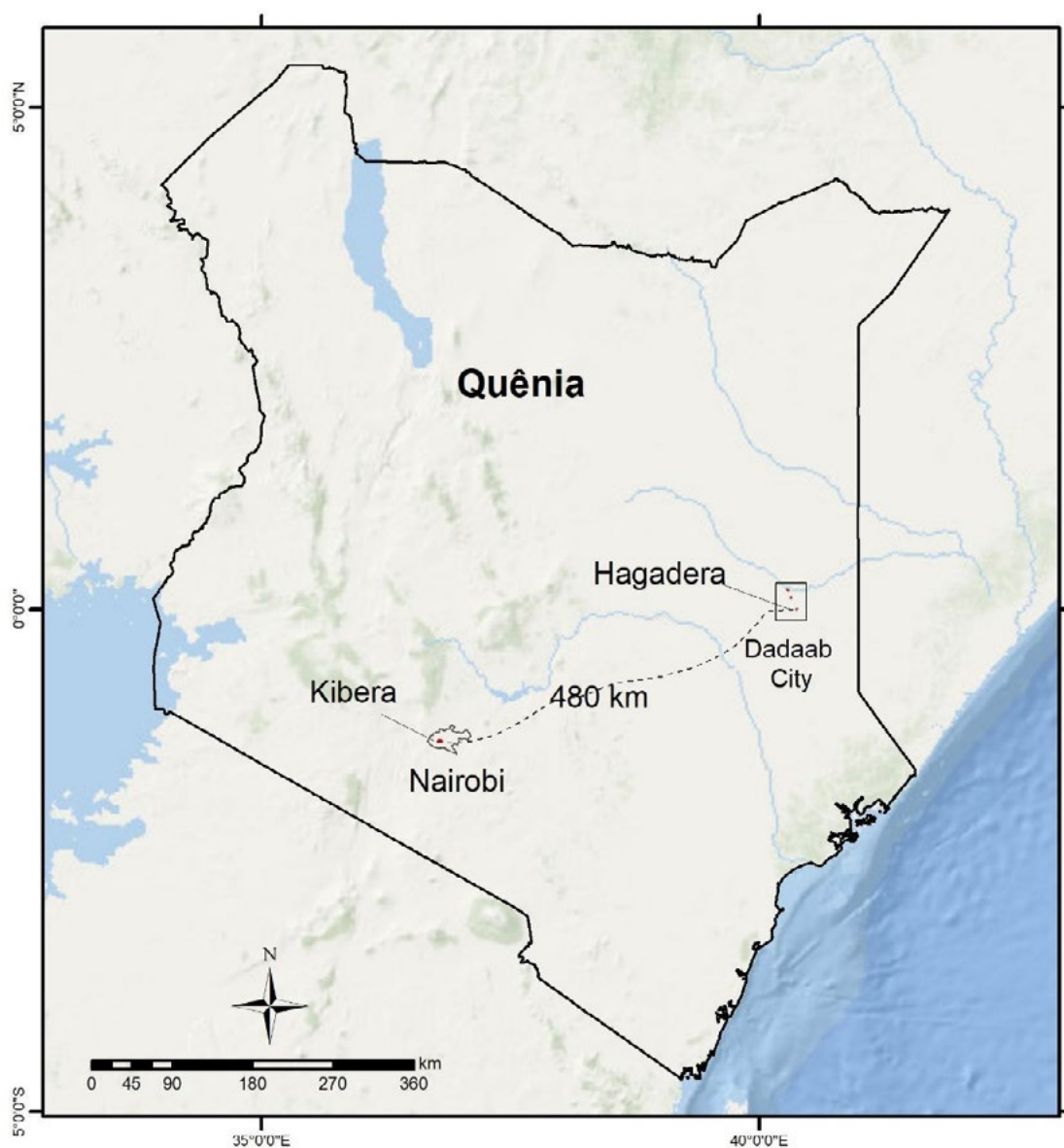
no contexto urbano. Já Crea, Calvo e Loughry (2015) comparam a qualidade de vida de refugiados que vivem em campos com a daqueles que vivem nas cidades, destacando que estes últimos apresentam melhores condições de vida. Ainda no debate sobre a permanência dos campos, Keswani (2021) enfatiza a importância do direito à cidade para os refugiados, de modo que os campos devem ser considerados parte do planejamento urbano sustentável. Por fim, o trabalho de Al-Homoud e Samarah (2025) demonstra como os campos de refugiados podem sofrer transformações morfológicas e transitar de uma estrutura planejada (grid) para configurações mais orgânicas e informais. Apesar dessas múltiplas abordagens, permanece a lacuna que esta pesquisa busca preencher: a análise do grau de formalidade e da possível permanência qualificada.

Para verificar tal hipótese, foram adotados cinco procedimentos metodológicos principais: 1) construção de três mosaicos com células de 50 m² para Kibera e três mosaicos para Dadaab; em cada um, avaliou-se qualitativamente o parcelamento do solo, o uso e ocupação e o sistema viário. Cabe salientar que, considerando que o complexo de campos de Dadaab apresenta uma estrutura urbana relativamente uniforme entre os setores de Ifo, Dagahaley e Hagadera, foi utilizado, na análise comparativa, apenas o assentamento de Hagadera, de modo a manter a mesma proporção de área de Kibera; 2) Cada célula desses mosaicos recebeu uma pontuação indicativa do grau de formalidade da área. Para essa classificação qualitativa, em Kibera foram utilizados dados do OpenStreetMap, imagens aéreas do Google Maps de 2023 e registros do Google Street View. Já para Hagadera, utilizaram-se o OpenStreetMap, imagens aéreas do Google Maps de 2023 e, apenas no mosaico de uso do solo, os dados da ONU sobre uso do solo (UNHCR, 2020). Assim, embora o procedimento tenha sido o mesmo para ambos os recortes, em Hagadera a análise qualitativa contou com o complemento dos mapeamentos da ONU no caso do uso do solo; 3) Cada célula de 50 m² dos três mosaicos elaborados para cada área recebeu uma pontuação indicativa de maior ou menor grau de formalidade (baixo = 1, médio = 2 e alto = 3). 4) Para cada célula, calculou-se a média aritmética das pontuações obtidas nas três dimensões analisadas, resultando em um mosaico único para Kibera e outro para Hagadera, representando o grau de formalidade em termos de uso do solo, parcelamento do solo e sistema viário; 5) Por fim, realizou-se uma análise comparativa dos mosaicos com o grau de formalidade atribuído a Kibera e Dadaab, com o objetivo de identificar os padrões espaciais capazes de confirmar esse grau de formalidade e, consequentemente, indicar quais áreas apresentam maior tendência à permanência qualificada.

AS ÁREAS ESTUDADAS

Para responder à pergunta e ao objetivo desta pesquisa — sobre qual estrutura apresenta maior grau de permanência qualificada —, foram selecionados os casos da favela de Kibera, localizada em Nairóbi, e do campo de refugiados de Dadaab, setor de Hagadera (ambos situados no Quênia). A análise de dois assentamentos no mesmo país tem como propósito aproximar as realidades socioeconômicas e ambientais de seus entornos imediatos (Figura 1).

Figura 1 | Localização e proximidade de Kibera e de Dadaab.

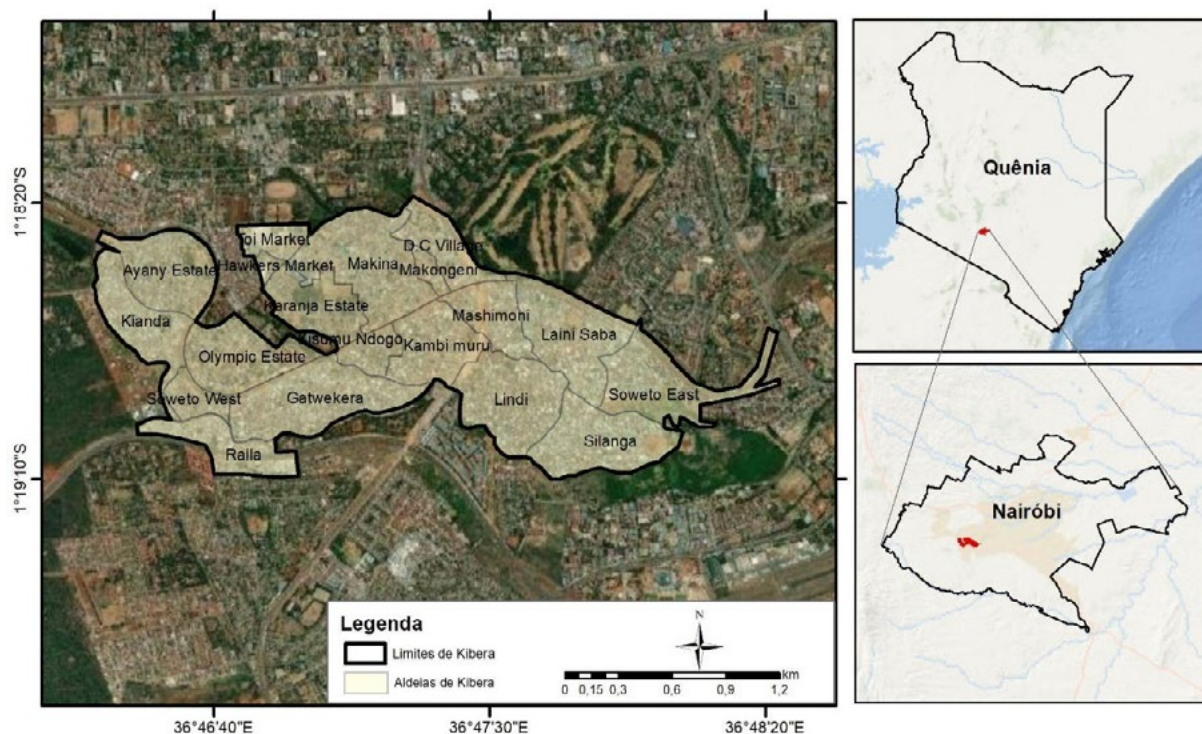


Fonte: elaborado pelos autores (2025).



A favela de Kibera localiza-se a 5 km a sudoeste do centro de Nairóbi. Estabelecida em 1912, possuía inicialmente 550 ha e, em 1971, foi reduzida para 225 ha, a fim de dar lugar à formação de bairros definidos pela gestão formal da cidade (Muokeu, 2018). O desenvolvimento de Kibera está associado à sua proximidade com Nairóbi, que amplia a oferta de atividades aos seus moradores, sobretudo em termos de trabalho. Embora a população de Kibera seja frequentemente estimada em mais de 700 mil habitantes, conforme indicado por Desgrippes e Taupin (2011), é necessário considerar os dados do último censo disponível, que, segundo esses autores, apontam para uma população próxima de 200 mil pessoas. Esse contingente demográfico integra-se ao da cidade de Nairóbi, atualmente com cerca de 5 milhões de habitantes (Nairobi City, 2023), dos quais aproximadamente 2 milhões vivem em favelas (Nestico *et al.*, 2025). Apesar de ser apresentada de modo homogêneo, como uma única favela, Kibera é vista por sua população como um conjunto de assentamentos formado por 19 aldeias distintas (Figura 2), porém contínuas (Panek, 2017).

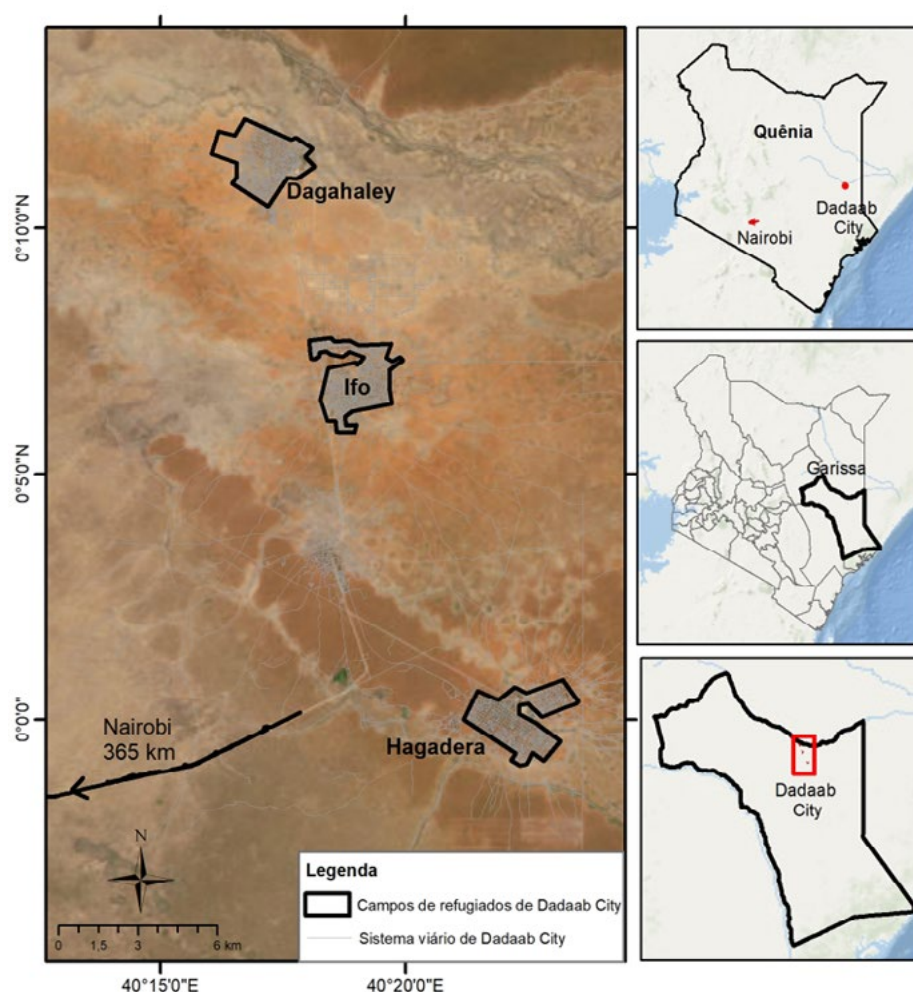
Figura 2 | Localização e entorno de Kibera.



Fonte: elaborado pelos autores (2025).

No que se refere ao campo de refugiados de Dadaab, é possível destacá-lo como o maior campo em operação em termos populacionais. Formado a partir de 1990, esse complexo é constituído por três setores distintos — Ifo, Hagadera e Dagahaley (Figura 3) —, que juntos reúnem cerca de 230 mil pessoas, majoritariamente refugiadas da Somália (UNHCR, 2023). Na descrição feita pela própria agência da ONU que tutela o campo, é inegável a similaridade desse assentamento — implantado para uma ação emergencial e temporária — com as cidades tradicionais em regiões empobrecidas. Isso porque sua paisagem se assemelha às cidades de crescimento natural, que se transformam em centros comerciais e conectam o nordeste do Quênia à Somália (UNHCR, 2023).

Figura 3 | Localização e entorno de Dadaab.



Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Assim como em Kibera, o tamanho e a estrutura urbana de Dadaab apontam para uma irreversibilidade. Enquanto Kibera se desenvolve e se consolida devido ao potencial do entorno e à proximidade com Nairóbi, o campo de Dadaab opera como elemento atrator de modificação do entorno:

A presença de refugiados trouxe atores humanitários para a área e, com eles, vieram as estradas, um centro urbano adequado, além da infraestrutura maciça e expansiva dos campos, que, com o passar dos anos, poderia ser considerada um centro urbano em funcionamento efetivo. Financiamentos para educação, saúde, infraestrutura e serviços de água foram disponibilizados, e uma comunidade anfitriã, antes predominantemente pastoril, começou, em alguns casos, a estabelecer negócios próximos aos acampamentos (UN-HABITAT, 2021, p.43, tradução nossa).

Uma vez confirmada a virtual permanência de ambos os compartimentos urbanos, em contradição ao objetivo inicial de suas criações, resta discutir o grau de qualificação dessas permanências. Enquanto Kibera já conta com o reconhecimento de se constituir em um compartimento circundado pela formalidade da capital e com maior facilidade de integração física e social, Dadaab submete-se a decisões internacionais e organiza-se em um entorno pouco ocupado, de características rurais e sem a dinâmica urbana de uma metrópole. Ainda assim, há indícios de que a operação do campo proporciona, indiretamente, benefícios à dinâmica da cidade formal de Dadaab.

A respeito do processo de ocupação de Kibera, é possível destacar sua consolidação como intrinsecamente irreversível (Mukeyu, 2018). À medida que a favela foi sendo adensada, os gestores locais passaram a tratá-la como uma área especial de atenção, planejamento e gestão. Tal pragmatismo, porém, não impediu que esse mesmo planejamento, gestão e os projetos propostos para a área adotassem padrões urbanísticos inferiores aos do seu entorno. Ainda segundo Mukeyu (2018), um dos fatores que teria contribuído para essa permanência reconhecida foi a implementação de pequenas obras por iniciativa de moradores ou de organizações de ajuda. Entretanto, a desejada posse definitiva dos imóveis enfrenta dificuldades adicionais: estima-se que mais de 90% dos lotes sejam ocupados por inquilinos não regulamentados (Mukeyu, 2018), o que adiciona mais uma complexidade que ora parece sugerir permanência, ora transitoriedade ao compartimento.. De imediato, tal fato sugere uma necessária distinção entre transitoriedade e insegurança de permanência — situações ou sentimentos distintos. Esse aspecto do inquilinato é agravado pelo fato de que grande parcela dos proprietários das estruturas de Kibera é composta por políticos e funcionários do governo, os mesmos agentes que formulam e executam políticas públicas em Nairóbi. Nesse caso, tem-se uma perspectiva de manutenção das condições de

permanência da favela de Kibera (Mukeyu, 2018), confirmando a permanência, porém distante de configurar uma permanência qualificada.

Em sua maioria, as unidades habitacionais de Kibera possuem apenas um cômodo, com área média de 9 m² e são construídas com materiais temporários, como pau-a-pique e coberturas de chapas metálicas (Nestico et al., 2025). A ausência de recuos e a pequena dimensão frontal dos lotes impossibilitam outras aberturas além de uma porta e uma janela, resultando em ambientes insalubres, pouco ventilados e iluminados. O espaço compacto, com poucos cômodos, gera áreas de uso misto e comum — tudo em um. A dinâmica de uso dessas estruturas agrava a situação, ao se constatar o uso de combustíveis poluentes para cozinhar e iluminar (Mukeyu, 2018). Em termos de espaços públicos, nota-se a falta de racionalidade prévia à ocupação no traçado das vias, implantadas de forma orgânica e sem planejamento (Figura 4). As vias estruturantes, nas quais se localizam os comércios e serviços, dão suporte às centralidades do assentamento. A partir dessas vias, acessa-se o interior das quadras por meio de vielas que não permitem o acesso de veículos, nem mesmo daqueles destinados a necessidades emergenciais, como o combate a incêndios e o atendimento por ambulâncias.

Figura 4 | Precariedade do sistema viário e padrão de ocupação em Kibera



Fonte: registro in loco, acervo dos autores (2024)



Tais atributos permitem sintetizar a estrutura urbana de Kibera em três tipos principais de vias: 1) Primárias — vias com alto grau relativo de formalidade, que cruzam o compartimento e promovem a integração de Kibera com o restante de Nairóbi, complementando seu sistema viário formal e garantindo mobilidade motorizada aos moradores; 2) Secundárias — vias internas ao compartimento, com dimensões e traçados que suportam o trânsito de veículos e a ocupação lindeira por comércios e serviços de interesse local; 3) Terciárias: vielas estreitas que não suportam carros, mas permitem que pedestres, ciclistas e motociclistas acessem os miolos das quadras e a totalidade das unidades habitacionais.

No que se refere ao campo de refugiados de Dadaab, dois aspectos principais se destacam em termos de oferta de serviços, infraestrutura e permanência: 1) incertezas políticas em nível nacional, que implicam a integração do campo com seu entorno, a permanência dentro de seus limites e o possível retorno aos países de origem; 2) a relação entre refugiados e comunidades anfitriãs: Apesar de funcionar como um atrator para o entorno, como mencionado anteriormente, o campo de Dadaab enfrenta clara dificuldade de integração com moradores e atividades externas aos seus limites. Ikanda (2008), por exemplo, observa que, de modo geral, a população local estigmatiza os refugiados por serem economicamente mais favorecidos, por receberem maior assistência externa e por poderem atuar comercialmente, alterando dinâmicas sociais e econômicas há muito estabelecidas. Assim, a competição por recursos escassos na empobrecida área semiárida potencializa a rivalidade entre a população do campo de Dadaab e a de seu entorno, reforçando a concretude de seus limites físicos. O alerta trazido por Ikanda reforça a ideia de que projetos concebidos para responder a situações emergenciais devem ampliar seu escopo de atenção — neste caso, implementando ações e programas humanitários voltados às populações locais e a um entendimento territorial ampliado do fenômeno. Mais uma vez, a sujeição pragmática diante da permanência dos fenômenos aqui tratados se justifica.

Em termos de características gerais de um campo de refugiados, algumas são mais definidoras: segregação da população anfitriã, necessidade de compartilhar instalações, falta de privacidade, superlotação e uma área limitada e restrita que circunscreve as atividades cotidianas. Tais circunstâncias reforçam o estado de dependência dos moradores, reiterando seu status especial, limitado e controlado (Schmidt, 2006). Esse é o cenário encontrado em Dadaab.

Reconhecidamente, campos de refugiados reproduzem problemas urbanos comuns em áreas informais ou de baixa renda: fome, incapacidade de subsistência, debilidade ou inexistência de gestão pública e, neste caso, relações sociais organizadas em um reduzido vínculo histórico, em flutuações demográficas e em um elevado sentimento de transitoriedade. Se a resolução desses problemas na cidade permanente, legal e planejada já configura um desafio, resolvê-los em um espaço concebido como temporário, com poucos recursos e sob dificuldades diplomáticas globais, tangencia o impossível. Esse caráter amplificador dos problemas urbanos pode ser percebido devido à similaridade que os campos possuem com as favelas. Segundo Dalal (2022), a similaridade entre campos e favelas está, sobretudo, no fato de ambos se desenvolverem de forma semelhante, permanecendo distantes do Estado e com forte viés de refúgio e abrigo, o que os define como marginalizados.

ANÁLISE COMPARATIVA: PERMANÊNCIAS E TRANSITORIEDADES

Entende-se que o grau de formalidade das duas áreas estudadas sugere diferentes capacidades de qualificação futura, em função da idealização inicial, do modo de ocupação original e da relação com o entorno. A análise desenvolvida neste artigo busca compreender e comparar o grau de formalidade em dois tipos de assentamentos. Para desenvolver a análise comparativa, foram adotados três procedimentos metodológicos principais, já descritos na introdução: 1) Construção de três mosaicos com células de 50 m² para Kibera e três mosaicos para Hagadera (cabe salientar que o complexo de campos de Dadaab apresenta uma estrutura urbana uniforme entre os setores de Ifo, Dagahaley e Hagadera. Para uma análise comparativa proporcional em termos de área, utilizou-se apenas o assentamento de Hagadera). Em cada mosaico, foi realizada uma avaliação qualitativa: parcelamento do solo, uso e ocupação e sistema viário; 2) cada célula desses mosaicos recebeu uma pontuação indicativa do grau de formalidade da área. Para essa classificação qualitativa das células, em Kibera foram utilizados dados do OpenStreetMap, imagens aéreas do Google Maps de 2023 e dados do Google Street View. Já para Hagadera, utilizaram-se o OpenStreetMap, imagens aéreas do Google Maps de 2023 e, de forma complementar, dados de uso do solo da ONU (UNHCR, 2020). Assim, embora o procedimento tenha sido o mesmo para ambos os recortes, em Hagadera a análise qualitativa contou com o complemento dos mapeamentos da ONU; 3) Cada célula de 50m² dos três mosaicos criados para cada área teve uma pontuação atribuída, que indica maior ou menor grau de formalidade (baixo grau de formalidade = 1, médio = 2 e alto = 3) (Figura 05).



Figura 5 | Mosaicos do grau de formalidade do sistema viário, parcelamento e uso do solo.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).



Para identificar o grau de formalidade da estrutura e do ordenamento do sistema viário, cada complexo foi avaliado segundo os seguintes aspectos: 1) presença de pavimentação nas vias; 2) presença de calçadas; 3) existência de trânsito motorizado estrutural ao compartimento e de ligação com o entorno; 4) ordenamento viário planejado, a partir da observação de diretrizes como a manutenção da caixa da via sem obstáculos ou curvas acentuadas. Com base nesses critérios, cada célula do mosaico do sistema viário foi classificada qualitativamente. Para obter as informações referentes a cada critério, tanto em Kibera quanto em Hagadera, utilizou-se a base georreferenciada dos eixos viários existentes, disponível na plataforma OpenStreetMap; em seguida, foram analisadas imagens aéreas e utilizada a ferramenta Google Street View para avaliar cada eixo e classificar o mosaico do sistema viário.

Neste caso, as células com baixo grau de formalidade correspondem àquelas em que menos de 50% das vias apresentam os aspectos observados; médio grau de formalidade, quando os critérios analisados são encontrados em 50% a 75% das vias das células; e alto grau de formalidade, quando são observados em mais de 75% das vias. A partir desse mapeamento (Figura 5), é possível identificar as regiões em que o sistema viário é mais ou menos formal.

Ao comparar o mosaico do grau de formalidade de Kibera e Hagadera, é possível perceber que a formalidade está mais distribuída no campo de refugiados e mais concentrada em Kibera. Isso indica que as quadras planejadas de Hagadera resultam em uma estrutura urbana mais organizada e qualificada, na qual restam poucas áreas (miolos de quadra) passíveis de ocupação informal. Em Kibera, a alta densidade construtiva, aliada ao número reduzido de vias planejadas, não permite um melhor ordenamento do território, o que gera grandes áreas informais acessíveis apenas a pedestres. Outro aspecto importante é a vitalidade e diversidade de usos, que acompanham o grau de formalidade: quanto mais formal, mais diversa é a ocupação. Enquanto em Kibera a vitalidade se distribui ao longo das vias, em Hagadera os comércios e serviços concentram-se próximos às estruturas institucionais de suporte do campo, reproduzindo o contexto de uma pequena cidade mononucleada.

Para identificar o grau de formalidade do parcelamento do solo, realizou-se uma análise com base nos seguintes aspectos: 1) estrutura de ordenamento planejado (quando é possível identificar os lotes e quadras); 2) afastamento entre as edificações; 3) lote integrado ao sistema viário (quando o lote tem frente para a via). Assim, as áreas com baixo grau de formalidade correspondem às células em que

menos de 50% dos lotes apresentam tais aspectos; médio grau de formalidade, quando os critérios são encontrados entre 50% e 75% dos lotes da célula; e alto grau de formalidade, quando ocorrem em mais de 75% da célula. Para atribuir o grau de formalidade em cada célula, foram analisadas imagens aéreas do Google Earth.

O parcelamento do solo no campo de Hagadera segue uma estrutura ortogonal em grelha implantada de forma planejada, o que confere alto grau de formalidade à maior parte do campo. É possível perceber que essa ocupação, inicialmente planejada e com ampla oferta de área para construção, possibilitou edificações mais espaçadas, com afastamentos laterais e de fundos. Entretanto, observa-se que, no interior das grandes quadras, ocorre uma ocupação mais orgânica, sem controle e com maior densidade construtiva. Nesse sentido, entende-se que, no interior dessas quadras, há um grau de formalidade mediano. Por fim, é possível perceber áreas concentradas em que a densidade construtiva gera maciços contínuos, sem afastamento entre as edificações, os quais foram classificados como de baixo grau de formalidade.

Já o parcelamento do solo no complexo de Kibera apresenta uma estrutura orgânica e elevada densidade construtiva. O complexo configura-se como um maciço edificado contínuo, com pouco ou nenhum afastamento entre as construções. Além dessa alta densidade, observa-se a concentração de edificações acessíveis apenas por vielas estreitas destinadas à circulação de pedestres. Assim, a maior parte do complexo de Kibera caracteriza-se por baixa formalidade. Destacam-se, contudo, áreas isoladas de alta formalidade, representadas por quadras ou conjuntos habitacionais verticais, nas quais é possível identificar os limites dos lotes e certo grau de organização e controle. Diferente de Hagadera, as áreas de alta formalidade em Kibera são nucleadas e isoladas do restante da estrutura urbana.

Assim, ao comparar o parcelamento de Hagadera e de Kibera, observa-se que, em Kibera, as áreas de baixa formalidade ocorrem com maior frequência e de forma mais distribuída. As áreas de alta formalidade, por sua vez, aparecem em pequenos compartimentos isolados do restante. Em Hagadera, ocorre o oposto: as áreas de alta formalidade são mais frequentes e encontram-se mais distribuídas ao longo do território do campo, enquanto as áreas de baixa formalidade, com maior densidade construtiva, surgem como ilhas isoladas. Nesse sentido, a tendência à alta e média

formalidade do parcelamento favorece uma consolidação mais qualificada da estrutura urbana, significativamente mais evidente em Hagadera do que em Kibera..

A diferença no parcelamento do solo entre Kibera e Hagadera pode ser observada ao se analisar a densidade construtiva das duas estruturas. Se, por um lado, as edificações de Kibera não possuem afastamentos laterais nem de fundos, resultando em uma densidade construtiva elevada, por outro, no campo de Hagadera, nota-se que a ocupação ocorre com afastamento entre as edificações e com áreas externas privativas e arborizadas (Figura 6). Isso indica uma qualidade edilícia expressivamente superior em Hagadera em comparação a Kibera.

Figura 6 | Padrão de ocupação de Hagadera (com afastamentos laterais) e Kibera (edificações sem afastamentos laterais).



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

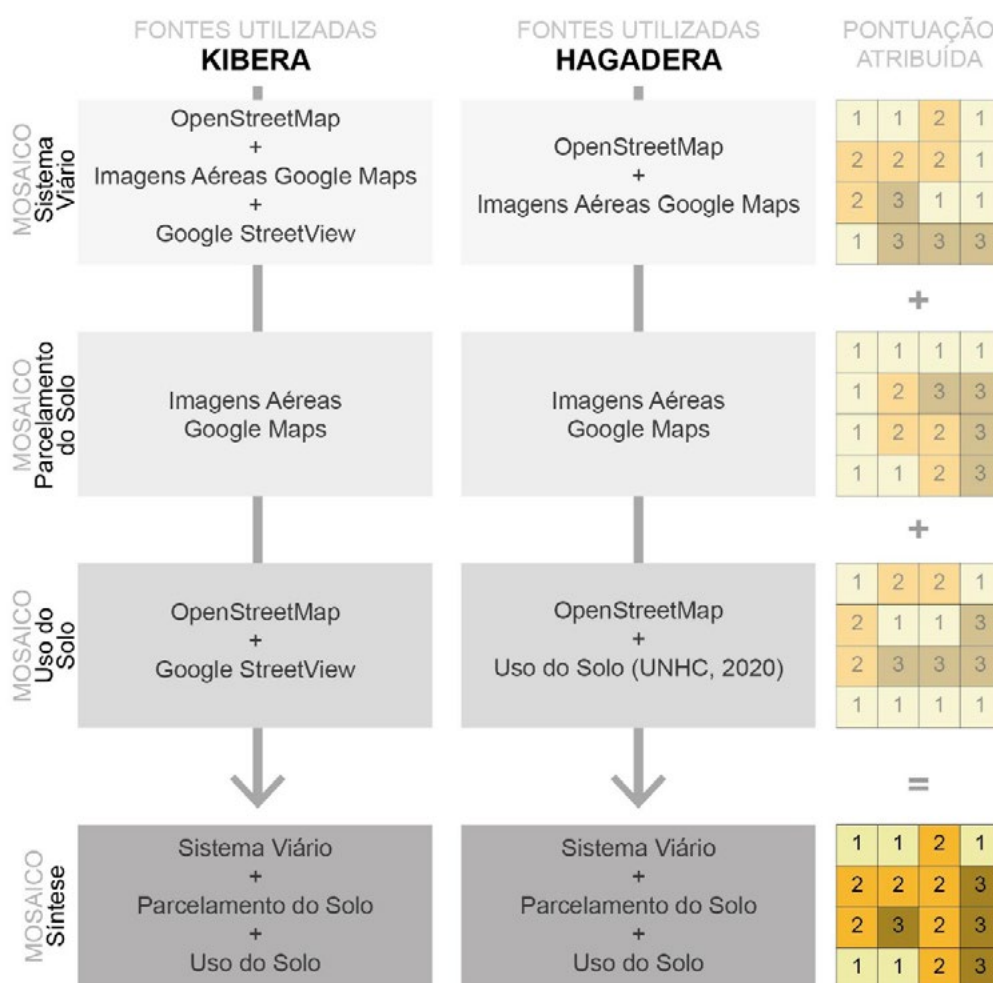
Por fim, para a classificação do grau de formalidade do mosaico de uso e ocupação de Kibera e Hagadera, utilizou-se a identificação de três principais tipos de uso: 1) uso predominantemente residencial; 2) uso misto (comercial e de serviços); e 3) uso público ou institucional. Assim, as células com baixo grau de formalidade correspondem àquelas em que mais de 75% da ocupação é residencial; as de médio grau de formalidade, às que apresentam mais de 75% de uso misto; e, por fim, as de alto grau de formalidade, às que possuem mais de 75% de uso público ou institucional. Cabe destacar que, enquanto o mosaico de Kibera foi elaborado com base em dados do OpenStreetMap e em imagens disponíveis no Google Maps (Street View e usos indicados na própria plataforma), o mosaico de Hagadera foi desenvolvido a partir do levantamento de uso do solo disponibilizado pela UN-Habitat (2021). Essa disponibilização de informações cartográficas, ainda que concebida para outros fins, evidencia a existência de ferramentas mínimas de planejamento para qualquer eventual proposta de transformação do campo em ocupação urbana permanente — diferentemente da favela de Kibera, na qual a carência de informações é maior.

A respeito do uso e da ocupação do solo de Hagadera, tem-se que aproximadamente 57% é residencial, 33% correspondem a espaços abertos vazios, 8,2% a uso público e institucional e, por fim, apenas 1,6% se referem ao uso comercial (UN-HABITAT, 2021). Ao analisar a distribuição espacial de tais percentuais, percebe-se que, enquanto o uso comercial está concentrado em núcleos comerciais, o uso residencial e o público/institucional estão mais pulverizados no campo. Destaca-se que o uso público e institucional se refere principalmente a instalações educacionais e de saúde, além das instalações da ONU destinadas a prestar suporte ao campo. Já no caso de Kibera, o uso misto acompanha as principais vias.

Tal fato cria uma clara distinção entre os aglomerados residenciais (com pouca vitalidade e com dificuldade de acesso) e as vias com suporte para mobilidade, maior fluxo de pessoas e, conseqüentemente, maior diversidade de usos. Enquanto em Kibera o uso misto e a vitalidade são mais dispersos no território, em Hagadera o uso misto e a vitalidade são mais concentrados em um centro comercial próximo da área pública e institucional que abriga os equipamentos de suporte ao campo da ONU. Essa diferença pode ser resultado da diferença de concentração demográfica entre os dois compartimentos (Kibera mais densa e compacta, enquanto Hagadera é mais dispersa).

As análises desenvolvidas por meio dos mosaicos permitiram estabelecer um entendimento do grau de formalidade a partir de três importantes dimensões morfológicas do espaço urbano: sistema viário, parcelamento e uso do solo. Para obter uma síntese de tais leituras, os três mosaicos foram sobrepostos, sendo que, para cada grau de formalidade, foi atribuída uma pontuação: baixo grau (igual a 1), médio (2) e alto (3). Para atribuir essa pontuação, cada célula foi avaliada qualitativamente a partir dos critérios e fontes utilizados em cada mosaico. Assim, cada célula do mosaico de síntese representa a média aritmética das três dimensões analisadas. Esse procedimento metodológico permite identificar em quais células o grau de formalidade é maior ou menor, com base nas três dimensões analisadas (Figura 7).

Figura 7 | Fontes utilizadas na análise das três dimensões e método de construção do mosaico síntese



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A análise comparativa tornou possível identificar qual dos compartimentos analisados apresenta melhor qualidade de permanência do espaço urbano. No que se refere à transitoriedade, o campo de Dadaab representa um espaço que pode deixar de existir com a mesma velocidade com que foi criado (ainda que pouco provável); no caso de Kibera, a transitoriedade é percebida na fragilidade do espaço urbano, o que indica uma necessidade urgente de transformação. Sob a perspectiva da permanência, o campo de Dadaab tem como atributos os efeitos positivos na economia que tende a gerar no entorno (principalmente para a cidade formal de Dadaab) e sua estrutura urbana planejada em termos de sistema viário e parcelamento, conferindo-lhe maior capacidade de suporte. No caso de Kibera, a permanência está na sua diversidade e dinâmica de uso do solo aliada à proximidade e vínculos consolidados com a parte formal de Nairóbi.

Diante de tais perspectivas, seria um equívoco sugerir qual dessas estruturas tende a ser mais permanente. Assim, a pergunta de pesquisa foi calibrada para identificar qual dos compartimentos analisados possibilita uma permanência mais qualificada. A ideia de permanência qualificada é importante, pois ambos os espaços podem existir por décadas, oferecendo, contudo, espaços pouco qualificados aos moradores. Desse modo, não se trata de indicar qual compartimento tende a ser mais permanente que o outro, mas sim qual permite formalizar a permanência de forma mais facilitada e qualificada pelo poder público.

A partir do processo metodológico apresentado na Figura 6, o mapa síntese do grau de formalidade de ambos os compartimentos foi elaborado, de modo a evidenciar, em cada célula do mosaico, a média aritmética das três dimensões analisadas (Figura 8).

Figura 8 | Mosaico síntese do grau de formalidade de Kibera e Hagadera



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

O mapa síntese evidencia uma maior formalidade — e, conseqüentemente, uma permanência mais facilitada e qualificada — de Hagadera em relação a Kibera. Essa maior formalidade decorre principalmente do planejamento do sistema viário e do parcelamento do campo, que o qualificam com maior capacidade de suporte. Em Kibera, há uma clara limitação tanto em termos de sistema viário (com áreas acessíveis apenas a pedestres) quanto em termos de parcelamento, com edificações insalubres, sem aberturas e construídas de forma contínua. Esse resultado aponta para a urgência de uma revisão conceitual da ideia de campo de refugiados, não mais como uma estrutura

temporária, conforme demarcado no glossário de termos da UNHCR (2023), em que as pessoas estão privadas do direito à cidade e de perspectivas de permanência e de enraizamento cultural e identitário. Tal urgência é reforçada quando se observam casos de campos de refugiados que permanecem e perduram por décadas (como o campo de Katumba, fundado em 1972), englobando diferentes gerações de famílias nessas estruturas concebidas como temporárias. Para além da revisão conceitual da ideia de campo de refugiado, a literatura aponta a necessidade de reavaliar a criação de novos campos de refugiados como solução para o acolhimento dos refugiados. Isso porque os campos falham em seu objetivo mais basilar, que é a existência temporária, e, em paralelo, falham ao oferecer qualidade de vida inferior à dos refugiados que se inserem nas cidades formais (Crea, Calvo e Loughry, 2015). Nesse sentido, as alternativas descentralizadas de acolhimento dos refugiados nos espaços urbanos consolidados das cidades podem evitar tanto que esses refugiados sejam privados do direito à cidade quanto que permaneçam no limbo de uma estrutura concebida como temporária, mas que pode perdurar por décadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises desenvolvidas exigiram a ampliação do conceito de permanência adotado nesta pesquisa, de modo a abranger não apenas os aspectos que conferem permanências e transitoriedades em ambos os compartimentos, mas, principalmente, as diferenças no que se refere à possibilidade de qualificar tais espaços e à facilidade de implantar as estratégias necessárias para isso. Se a formalidade de Dadaab sugere uma permanência mais facilitada e qualificada, otimizando os esforços de implantação e reduzindo as inseguranças aos ocupantes, decisões políticas nacionais e internacionais atuam em sentido oposto. No que se refere a Kibera, o conhecimento já acumulado sobre a realidade das favelas indica a imposição dos fatos frente ao planejado (mesmo que de forma pouco facilitada e qualificada). De forma pragmática, conclui-se que o campo de Dadaab deve ser pensado, implementado e gerido com vistas à sua consolidação e integração completa com o entorno.

Essa conclusão não se aplica à totalidade dos campos de refugiados existentes, pois cada um é idealizado e mantido por interesses e necessidades que ultrapassam uma leitura meramente urbanística. Ainda assim, tais assentamentos demonstram uma estrutura urbana implantada, desde o início,



com níveis de formalidade muito superiores aos das áreas informais conhecidas em muitas cidades do Sul Global. Essa é uma situação que indica a possível permanência dos campos e o potencial de aproveitamento de suas estruturas para novas e planejadas cidades, bem como para a formação de novos arranjos regionais. Estudos de inserção regional desses assentamentos, assim como de provimento futuro de mais infraestruturas e serviços, podem fornecer elementos estratégicos para o caso dessa permanência. Os campos deixariam, então, de ser intervenções sobre o território destinadas a atender demandas emergenciais, passando a constituir, também e de forma combinada, parte de uma política urbano-regional para os países que os recebem.

Considerando o objetivo geral desta pesquisa — identificar qual estrutura apresenta maior grau de formalidade e de possível permanência qualificada —, conclui-se que, levando em conta o parcelamento do solo, o uso do solo e o sistema viário dessas duas estruturas de ocupação, o campo de Dadaab possui uma estrutura com maior grau de formalidade e, portanto, uma permanência mais facilitada e qualificada do que a favela de Kibera. Assim, há uma clara indicação de que os campos de refugiados, paradoxalmente, falham em seu objetivo mais basilar: ser uma solução temporária. A literatura científica sobre políticas habitacionais tem buscado soluções pragmáticas de reurbanização e regularização fundiária, abandonando antigas tentativas de remoção generalizada. Mais uma vez, a permanência é confirmada — agora, no caso das favelas. Em ambos os casos, reitera-se a ideia de que as estruturas urbanas, ainda que apresentem distintos níveis de qualidade ou consolidação, são de difícil reversão.

O caráter efêmero, inicialmente identificado por nossa pesquisa nas duas tipologias de compartimento urbano, resulta menos de seus atributos urbanísticos e mais do sentimento de insegurança de seus moradores diante da gestão dessas áreas. A possibilidade de virem a ser removidos, ainda que parcialmente, como no caso das reurbanizações, é o atributo que aproxima compartimentos como Kibera e Dadaab. São tipologias com grandes chances de se tornarem permanentes na ocupação, mas, de fato, transitórias no sentimento de apropriação do território que ocupam. Com isso, reiteramos a ideia já recorrente nas discussões sobre campos de refugiados (Hart et al., 2018; Paszkiewicz; Fosas, 2019), que defendem que essas unidades, ainda que implementadas em situações emergenciais, poderiam ser concebidas como estruturas destinadas a se tornar permanentes.



No caso das favelas, o fenômeno já conta com reconhecimento mais generalizado quanto ao atributo de permanência. As ideias de um urbanismo subalterno (Roy, 2009), de um urbanismo tático (Brenner, 2017) ou de insurgências urbanas (Nascimento; Ultramari, 2019) reconhecem a permanência desses grandes compartimentos, entendendo-os não apenas como problemas, mas, sobretudo, como potenciais de transformação do conjunto maior das cidades que os contêm.

Por fim, destaca-se que o estudo comparativo entre Kibera e Dadaab confirma sinais similares de permanência, opondo-se à idealização de ordenamento urbanístico no primeiro caso e de desaparecimento no segundo. Entretanto, evidencia-se que Dadaab apresenta aspectos que permitem uma permanência mais facilitada e qualificada em relação a Kibera. Desse modo, destaca-se um duplo desafio para pesquisas futuras: 1) a concepção de estratégias de gestão que permitam uma gradativa qualificação de Kibera, considerando sua inevitável permanência; e 2) a revisão conceitual da ideia dos campos de refugiados como espaços temporários, fato que impossibilita que a gestão local de Dadaab explore seu potencial de permanência facilitada e qualificada.

REFERÊNCIAS

- AL-HOMOUD, M.; SAMARAH, O. Socio-Spatial Adaptation and Resilient Urban Systems: Refugee-Driven Transformation in Zaatari Syrian Refugee Camp, Jordan, v. 9, n. 4, p. 1-39, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/urbansci9040133>. Acesso em: 13 out. 2025.
- BRENNER, N. Is 'tactical urbanism' an Alternative to Neoliberal Urbanism? In: PETRESCU, D.; TROGAL, K. The Social (Re) Production of Architecture. Routledge, 2017, cap. 8, p. 113-128.
- CREA, T. M.; CALVO, R.; LOUGHRY, M. Refugee Health and Wellbeing: Differences between Urban and Camp-Based Environments in Sub-Saharan Africa, v. 28, n. 3, p. 319-330, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jrs/fev003>. Acesso em: 13 out. 2025.
- DALAL, A. The refugee camp as urban housing. Housing Studies, v. 37, n. 2, p. 189-211, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02673037.2020.1782850>. Acesso em: 04 jul. 2023.
- DESGROPES, A.; TAUPIN, S. Kibera: The Biggest Slum in Africa? Les Cahiers d'Afrique de l'Est, n. 44, p. 23-33, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/eastafrica.521>. Acesso em: 04 jul. 2023.
- GOOGLE. StreetView. 2023. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: 07 jul. 2023.
- HART, J.; PASZKIEWICZ, N.; ALBADRA, D. Shelter as Home? Syrian Homemaking in Jordanian Refugee Camps. Human Organization, v. 77, n. 4, p. 371-380, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17730/0018-7259.77.4.371>. Acesso em: 04 jul. 2023.
- HUQ, E.; MIRAFITAB, F. "We are all refugees": Camps and informal settlements as converging spaces of global displacements. Planning Theory & Practice, v. 21, n. 3, p. 351-370, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14649357.2020.1776376>. Acesso em: 04 jul. 2020.
- IKANDA, F. N. Deteriorating Conditions of Hosting Refugees: a Case Study of the Dadaab Complex in Kenya. African Study Monographs, v. 29, n. 1, p. 29-49, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.14989/66224>. Acesso em: 04 jul. 2008.



- KESWANI, M. Exploring an Integrated Pathway for Sustainable Urban Development of Refugee Camp Cities and Informal Settlements, v. 253, p. 37-50, 2021. Disponível em: <https://www.witpress.com/eliibrary/wit-transactions-on-ecology-and-the-environment/253/38073>. Acesso em: 13 out. 2025.
- MATROUK, R.; SZÉCSI, Z. P. An Assessment of the Informal Settlements of Palestinian Refugee Camps in Amman Urban Pattern. *Periodica Polytechnica Architecture*, v. 54, n. 2, p. 133-146, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3311/PPar.21172>. Acessado em: 13 out. 2025.
- MATTEDI, M. A. Pensando com o desenvolvimento regional: subsídios para um programa forte em desenvolvimento regional. *Revista Brasileira De Desenvolvimento Regional*, v. 2, n. 2, p. 059–105, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.7867/2317-5443.2014v2n2p059-105>. Acesso em: 13 out. 2025.
- MUKEKU, J. Urban Slum Morphology and Socio-economic Analogies: A Case Study of Kibera Slum, Nairobi, Kenya. *Urbanisation*, v. 3, n. 1, p. 17–32, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2455747118790581>. Acesso em: 04 jul. 2023.
- NAIROBI CITY. STATISTICA DATA. Growing Nairobi population an indicator of more opportunities – Sonko. Disponível em: <https://nairobi.go.ke/growing-nairobi-population-indicator-opportunities-sonko>. Acesso em: 04 jul. 2023.
- NASCIMENTO, I.; ULTRAMARI, C. Das Insurgências urbanas: Ouvidor63, São Paulo, Brasil. *Papeles de Coyuntura*, v. 46, p. 228-261, 2019. Disponível em: <http://repository.unipiloto.edu.co/handle/20.500.12277/9011>. Acesso em: 07 jul. 2023.
- NESTICO, A.; RUSSO, F.; MASELLI, G.; VIETRI, M. A novel cost estimation model for the urban regeneration of a slum: the case of Kibera (Nairobi), v. 7, p. 01-14, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/frsc.2025.1544486>. Acesso em: 13 out. 2025.
- PANEK, J.; SOBOTOVA, L. Community mapping in urban informal settlements: Examples from Nairobi, Kenya. *The Electronic Journal of Information Systems in Developing Countries (EJISDC)*, v. 68, n. 1, p. 1-13, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/j.1681-4835.2015.tb00487.x>. Acesso em: 04 jul. 2023.
- PASZKIEWICZ N.; FOSAS, D. Reclaiming refugee agency and its implications for shelter design in refugee camps. In: *International Conference on: Comfort at the Extremes: Energy, Economy and Climate*. Dubai, 2019. Disponível em: <https://researchportal.bath.ac.uk/en/publications/reclaiming-refugee-agency-and-its-implications-for-shelter-design>. Acesso em: 07 jul. 2023.
- ROY, A. Why India cannot plan its cities: informality, insurgence and the idiom of urbanization. *Planning Theory*, v. 8, n. 1, p. 76–87, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1473095208099299>. Acesso em: 07 jul. 2023.
- SCHMIDT, A. FMO Thematic Guide: Camps versus settlements, 2006. Disponível em: <https://www.alnap.org/help-library/fmo-thematic-guide-camps-versus-settlements>. Acesso em: 07 jul. 2023.
- TURNER, S. What Is a Refugee Camp? Explorations of the Limits and Effects of the Camp. *Journal of Refugee Studies*, v. 29, n. 2, 139–148, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jrs/fev024>. Acesso em: 07 jul. 2023.
- UN-HABITAT. Dadaab Spatial Profile 2021. Disponível em: <https://unhabitat.org/dadaab-spatial-profile>. Acesso em: 07 jul. 2023.
- UNHCR. The 10-Point Plan in Action. 2016. Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/583714a44.html>. Acesso em: 07 jul. 2023.
- UNHCR. Master Glossary of Terms. 2023. Disponível em: <https://www.unhcr.org/glossary/>. Acesso em: 07 jul. 2023.
- UNHCR. Global Report. 2024. Disponível em: <https://www.unhcr.org/publications/global-report-2024>. Acesso em: 13 out. 2025.
- WCR. Cities and Climate Action. 2024. Disponível em: <https://unhabitat.org/wcr/>. Acesso em: 13 out. 2025.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.



